

LITERATURA INFANTIL E PODER

Ynah de Souza Nascimento*

Há muito não aplicava o tal "teste de leitura" (ficha, eu nunca pedia; aquelas que já vêm no livro, então, nem se fala...). Leituras sobre Literatura Infantil e Juvenil tinham-me afastado, definitivamente, desse tipo de avaliação.

Trabalhando no Colégio de Aplicação desde 1984, em 1988 fiz parte de um grupo de professores empenhados em desenvolver uma nova proposta metodológica, tendo por base A Interdisciplinariedade, proposta esta colocada em prática, em caráter experimental, no ano de 1989, com duas turmas da quinta série. Na época, por questões de carga horária, não pude assumir nenhuma dessas duas turmas, contentando-me em acompanhar, de longe, as atividades. Mas, no ano de 1990, com a continuidade do trabalho, que vem surtindo excelentes resultados, assumi uma das duas turmas que, nesse ano, ingressaram no Colégio mediante concurso.

Levando em conta esses e outros dados, vi-me diante da decisão sobre o tipo de avaliação a ser feita. Como fazer para avaliar "A Fada que tinha idéias", de Fernanda Lopes de Almeida, em uma turma experimental e bastante heterogênea, composta de alunos com as mais diferentes experiências em Literatura Infantil (desde preencher fichas de leitura, passando por provas, chegando a uma ausência completa de qualquer tipo de experiência com leituras em Literatura Infantil)?

Entre as várias alternativas que conheço e tenho experimentado com sucesso, optei por nenhuma. Resolvi fazer um teste.

O livro conta-nos a história de uma fadinha, Clara-Luz, que, não satisfeita em fazer mágicas apenas pelo livro oficial de mágicas, resolve criar suas próprias mágicas. Isso gera confusões que culminam com uma intimação da Rainha para que Clara compareça ao castelo a fim de se explicar.

Formulei o teste e, como última questão, pedi aos alunos que dessem um novo final ao livro, incluindo diálogos - já que vínhamos trabalhando discurso direto.

Os vários finais dados pelos alunos foram de três tipos:

1. A Rainha morre ou é banida do Reino: neste caso quem assume o seu lugar é Clara;
2. Clara é banida ou ela mesma abandona o Reino porque ninguém a entende;
3. Rainha e Clara-Luz entram em acordo: aquela reconhece que é preciso inovar e convida esta para ser Conselheira do Reino.

* UFPE-Colégio de Aplicação do Centro de Educação

A maioria dos alunos optou pelo primeiro final, uns poucos pelo segundo e apenas um escolheu o terceiro.

Tal resultado levou-me a duas questões: uma relacionada diretamente às leituras feitas pelos alunos (como ele vê o poder?); outra, ligada ao instrumento de avaliação (teste não é adequado para avaliar?).

Tentamos responder à primeira questão levando os resultados do teste à turma e com ela discutindo. Propomos várias perguntas:

- a) O melhor é abandonar o Livro das Mágicas?
- b) Será que não dava para negociar? Era preciso matar a Rainha ou bani-la?
- c) Por que abandonar o confronto? Isto contribui de alguma forma?

Após várias intervenções dos alunos, concluiu-se ser o final 3 o mais eficiente e eficaz. Pedi aos alunos que contassem alguma situação ocorrida em suas vidas e semelhante à do livro e foi uma pena não ter gravado as falas - em todos os casos era inflexível a atitude de quem era "o dono do poder" (o pai ou a mãe e até alguns professores...). Por isso era impossível negociar.

E aí eu pergunto: se não se sabe (e não se aprende) a negociar com o poder, como agir?

Depois dessa aula agitada, com a participação dos alunos, com o aprofundamento de questões tão relevantes, ficou sem razão de ser minha dúvida em relação ao teste de leitura. Foi, a partir dele, que pudemos avaliar até que ponto nosso aluno foi capaz de fazer uma leitura crítica do livro (e de sua vida), levando em conta sua "leitura do mundo".

Se alcancei meus objetivos, concluo que a falha, na utilização de teste de leitura, pode estar em sua elaboração. Enquanto o professor contenta-se apenas em perguntar "Quem? Onde? Como?" não estará avaliando leitura (em sentido amplo): quando muito estará pedindo que o aluno reproduza a história (este comentário vale para qualquer estudo de texto).

Mas, se queremos um leitor crítico e participante - e isso faz parte dos objetivos do trabalho que vimos desenvolvendo no Colégio de Aplicação da UFPE - é preciso ir além de meras reproduções, (usando ou não "testes de leitura" - não é o teste a questão), propondo reais desafios para nossos alunos. E isto não significa abandonar o papel de autoridade exercido pelo professor (liberdade não é anarquia).

Do contrário, na relação com o poder, nossos alunos só poderão ter dois caminhos: abandonar a luta ou matar o rei!